

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA**  
**EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA O**  
**RESGATE DA CULTURA LOCAL: UMA EXPERIÊNCIA**  
**PEDAGÓGICA EM FONTOURA XAVIER.**

**Ana Paula Pinheiro**

**Porto Alegre**

**2012**

**ANA PAULA PINHEIRO**

**A CONTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA O  
RESGATE DA CULTURA LOCAL: UMA EXPERIÊNCIA  
PEDAGÓGICA EM FONTOURA XAVIER.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

**Orientador(a):  
Fernando Favaretto**

**Porto Alegre  
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**Reitor:** Prof. Carlos Alexandre Netto

**Vice-Reitor:** Prof. Rui Vicente Oppermann

**Pró-Reitor de Pós-Graduação:** Prof. Aldo Bolten Lucion

**Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:**

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

**Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação:**

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a turma do 5º ano do Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia, a todas as pessoas que participaram das filmagens contando suas histórias, a minha filha Fernanda Pinheiro que sempre esteve ao meu lado me dando apoio e companhia.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao tutor Fernando Favaretto que sempre esteve presente, mesmo a distância a sua competência em responder com precisão nossas dúvidas oferecer o auxílio indispensável no ensino EAD.

## RESUMO

Este trabalho trata de uma experiência pedagógica realizada com uma turma de 5º ano no Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia, no município de Fontoura Xavier no segundo semestre do ano de 2012, cujo foco principal foi o uso do vídeo como uma ferramenta pedagógica de aprendizagem e de resgate cultural. Por meio desta tecnologia audiovisual se esperou que fossem desencadeadas aprendizagens de competências e habilidades de forma interdisciplinar, envolvendo e contextualizando as disciplinas de História, Geografia, Português, Ciências, Artes, Educação Física, Ensino Religioso. Foi realizada uma pesquisa pelos educandos, entre as pessoas da comunidade onde vivem, para saber quais delas gostariam de narrar um pouco sobre suas histórias de vida, ou quais teriam histórias para contar e que permitissem a divulgação das mesmas. Assim os vídeos foram concretizados. A partir deles iniciamos a análise pedagógica, quando problematizamos as histórias de vida, analisando as mudanças e permanências, que foram trabalhadas através das comparações dos ambientes e suas evoluções, dos aspectos da temporalidade, do espaço transformado, das relações humanas interferindo no contexto ambiental, social, político, cultural e econômico, entre outros temas. Extraímos dos relatos orais as lendas e causos para serem reescritos, ilustrados, encenados pelos educandos. Depois disso, as encenações foram gravadas em vídeo para análise posterior. Uma experiência ciclada, pois partiu do vídeo e a ele retornou. Enfim um trabalho complexo, mas divertido e prazeroso ao mesmo tempo, do qual a comunidade escolar, e as pessoas filmadas puderam participar, sentindo-se importantes e valorizadas, permitindo que a cultura pudesse ser analisada, debatida e compreendida partindo dos relatos orais, e no qual o vídeo foi utilizado como um meio e não apenas como um fim na aprendizagem, demonstrando o quanto esta ferramenta pedagógica pode e deve ser utilizada na sala de aula.

**Palavras-chave:** Vídeo – Cultura - Histórias

## **ABSTRACT**

This work takes place on a pedagogical experiment conducted with a group of 5th year at the State Institute Ernesto Ferreira Maia, in the municipality of Fontoura Xavier in the second half of the year 2012, where the main focus was the use of video as a teaching tool for learning and cultural redemption and that through this technology were triggered the learning of skills and abilities in an interdisciplinary way, involving and contextualizing disciplines: History, Geography, Portuguese, Sciences, Arts, Physical Education, Religious Education. Through research conducted by students, between people in the community where they live, which would like to tell a little about their life stories, or stories to tell and would permit disclosure of the same. So the videos were realized. From them we began teaching analysis, where we question the stories of life changes and continuities were worked through comparisons of environments and their evolution, aspects of temporality, space transformed, relationships interfering with environmental, social, political, cultural and economic development, among other topics. Extracted from the legends and oral reports to be rewritten stories, illustrated, staged by students and returned for the video for later analysis. An experience cycling as part of the video and it returns. Finally a complex but fun and enjoyable at the same time, where the school community, the people could participate shot, feeling important and valued, where culture can be analyzed, debated and understood through the oral report. And where the video was used as a means and not an end in just learning and can demonstrate how this teaching tool and can be used in the classroom.

**Keywords:** Video - Culture - Stories

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística
PPP	Projeto Político Pedagógico
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1: Mapa da localização do Município de Fontoura Xavier. ....	13
Figura 2: Organograma do uso do vídeo.....	38

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Atividades gerais de construção da monografia.....	35
Quadro 2: Atividades com a turma do 5º ano.....	36

## SUMÁRIO

Lista de abreviaturas e siglas.....	07
Lista de figuras.....	08
Lista de quadros.....	09
Introdução.....	11
1-Contexto da ação educativa.....	13
1.1 – O espaço da ação educativa.....	14
2- A TV e o vídeo no contexto educacional.....	18
2.1- O vídeo como recurso pedagógico.....	21
3- Cultura regional e local.....	24
3.1- O que é cultura.....	24
3.2 Riqueza cultural das histórias orais.....	27
3.3 A formação étnica do sul do Brasil .....	28
3.4 Formações étnicas culturais do município de Fontoura Xavier.....	30
3.5 Contribuições do vídeo para o resgate cultural.....	31
4 Metodologia.....	34
4.1 Cronograma geral das atividades.....	35
4.2 Cronograma com uso do vídeo na sala de aula.....	36
5 Das memórias para as telas.....	39
6 Considerações finais.....	44
Referências.....	49
Apêndice A.....	51
Apêndice B.....	52
Anexo A.....	53

## **Introdução**

O presente trabalho visa relatar o uso dos recursos audiovisuais como uma ferramenta pedagógica para aprendizagem, desenvolvimento de competências e resgate da cultura local no município de Fontoura Xavier.

Este trabalho realiza a reflexão sobre uma ação pedagógica promovida com a turma do 5º ano do Ensino Fundamental do Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia que fez uso do recurso audiovisual vídeo para resgatar histórias de vida das pessoas mais idosas do município.

Após este resgate os alunos realizaram análises comparativas de fatos culturais que aconteciam e que atualmente não ocorrem mais. Refletiram sobre as mudanças culturais que transformam a sociedade na qual estamos inseridos e como elas modificam nossa maneira de pensar sobre fatos, ações. Também como as tecnologias interferem no modo de vida das pessoas.

A utilização do vídeo na escola abre espaço para debates, análises, reflexões e discussões sobre vários aspectos. Especialmente quando o vídeo é utilizado para resgatar histórias de pessoas conhecidas, de pessoas que construíram suas histórias enfrentando outros tempos, períodos históricos. Como em um dos relatos sobre a época da ditadura. O trabalho com uso do vídeo e das histórias torna-se interdisciplinar, pois aspectos da Sociologia, da Geografia, da História, do Português, da Arte, do Ensino Religioso, da Ciência e de Educação Física foram abordados durante o projeto.

Com o uso desta ferramenta pedagógica a educação só tem a ganhar, pois o ensino e a aprendizagem torna-se mais significativo para todos os envolvidos.

A riqueza encontrada na fala das pessoas, nas suas histórias de vida, nos seus causos, contos e lendas é de fato grandiosa. Antigamente não havia tantos livros para contar histórias e muito menos registros sobre as mesmas, então elas eram passadas de geração a geração por meio da oralidade. O que atualmente não é tão realizado, os meios são outros. Incluindo neste contexto as mídias.

As histórias de minha região são inúmeras e muitas acabaram se perdendo por não possuírem os devidos registros. A cultura de um povo não está somente no seu passado, ela perpassa as mudanças que o presente faz, nas relações políticas, econômicas e socioambientais que se constroem e de certa forma influenciam transformações. Nos aspectos educacionais o resgate destas histórias constitui-se não apenas um trabalho acadêmico, mas de sentimentos, de diálogos, de estabelecer relações, pois quando uma criança, no caso, o aluno fará parte desta pesquisa como agente participativo buscando entrevistar pessoas de sua convivência sobre sua história de vida, sobre causas, algo muito mais importante estará acontecendo, muito mais do que um resgate cultural, mas também um resgate de relações afetivas.

Nada substitui a cultura de um povo, mas a visão reflexiva sobre está é importante para constituição de valores, ou reformulação dos mesmos. Mas é importante conhecê-la, apropriar-se dela. Observando ao longo dos anos que nosso município necessita de registros sobre as histórias de seu povo. Possuímos poucos. Então o objetivo principal deste trabalho seria fazer uso do vídeo e do software de edição de vídeo para constituir um trabalho educacional de resgate cultural das histórias das pessoas. Fazendo com que a ferramenta vídeo possua um cunho educativo, onde todos os sujeitos envolvidos possam tornar-se parte deste processo.

Os capítulos deste trabalho abordam a tv e o vídeo no contexto educacional, elencando um pouco da trajetória destas mídias no meio educacional, cultura regional e local, explicitando os vários conceitos com relação a cultura, a importância dos relatos orais, e a formação étnica do sul do Brasil e do município em questão. E ressaltando também as contribuições do vídeo como ferramenta pedagógica dentro do processo educativo.

A escola como instituição educativa sofre influências das transformações oriundas das novas tecnologias e mídias. Os professores sentem a cada dia como estas novas ferramentas influenciam o seu fazer pedagógico, mas mesmo assim não fazem uso das mesmas como instrumentos de aprendizagem. O vídeo é um nas escolas sofre esta certa discriminação, pois não é utilizado como uma ferramenta pedagógica de aprendizagem. Sendo utilizado apenas como registro de eventos que

muitas vezes depois não é assistido pelos sujeitos que participaram. O vídeo é uma ferramenta pedagógica muito útil e é o que este trabalho pretende mostrar. Para isso fica o questionamento é possível fazer do vídeo uma ferramenta pedagógica no contexto escolar?

## 1. O CONTEXTO DA AÇÃO EDUCATIVA

O município de Fontoura Xavier está inserido na região do Alto da Serra do Botucaraí, no estado brasileiro do Rio Grande do Sul (figura 1). A área territorial de Fontoura Xavier compreende 583.465 km<sup>2</sup>. Administrativamente o município divide-se em cinco Distritos e várias localidades menores, denominadas por Linhas ou Picadas: 1º Distrito: A sede; 2º Distrito: Picada Silveira; 3º Distrito: Gramado São Pedro; 4º Distrito: Campo Novo; 5º Distrito: Três Pinheiros. (ORTIZ, 2008, p. 23)

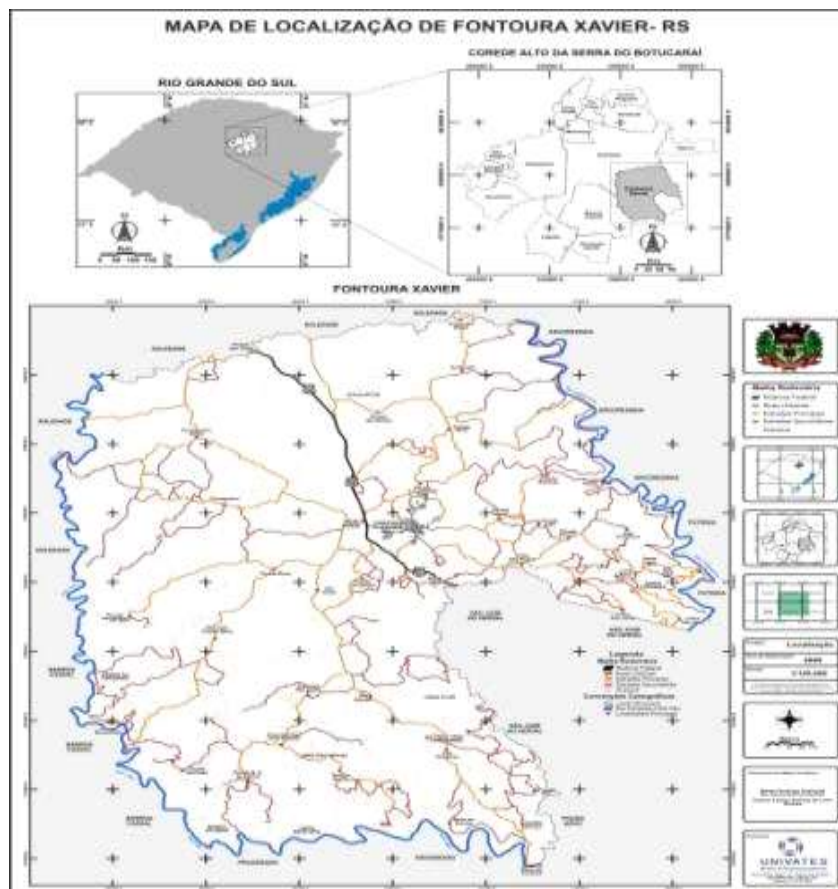


Figura 1 – Mapa de localização de Fontoura Xavier - RS  
Fonte: Secretaria do Meio Ambiente de Fontoura Xavier

A realidade cultural do município de Fontoura Xavier é preocupante. Um município com 10.719 habitantes, sendo 6.623 da zona rural e 4.096 da zona urbana, portanto, a maioria na zona rural, com baixa escolaridade e ainda com níveis preocupantes de analfabetismo, visto que este índice está distribuído entre os mais idosos da população, que não estão dispostos a estudar, devido a sua idade elevada. Sua etnia é de maioria açoriana, mas também existe uma pequena influência de imigrantes italianos e alemães. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,73, considerado baixo. A rede municipal de ensino é composta por vinte escolas que atendem a demanda da Educação Infantil e Ensino Fundamental. A maioria das escolas municipais pertence à zona rural. Os hábitos e costumes destes sujeitos são oriundos de uma cultura paternalista que espera pelos órgãos públicos a solução de qualquer problema ambiental, social e muitas vezes pessoal. Muitos sobrevivem do assistencialismo. Outros do plantio de fumo, mas poucos plantam para subsistência familiar. Preferem ir até a sede municipal para comprar frutas e verduras que vêm de outras localidades.

Existem no município duas escolas Estaduais: Escola Estadual Getúlio Vargas que fica localizada no 5º Distrito de Três Pinheiros e a outra na qual trabalho fica na sede municipal o Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia. Sendo está o local onde este estudo se realizará, mais especificamente com a turma de 5º ano do Ensino Fundamental do turno da manhã, envolvendo os familiares e comunidade em geral.

### **1.1 O espaço da ação educativa**

#### **INSTITUTO ESTADUAL ERNESTO FERREIRA MAIA- FONTOURA XAVIER**

A escola selecionada para pesquisa é o Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia que fica na cidade de Fontoura Xavier- RS, localizado na Av. Jordão Pinto da Silva Neto, 2182, centro. Sendo uma escola estadual que funciona em três turnos: manhã, tarde, e noite atendendo cerca de 1000 educandos, nas modalidades de Ensino Fundamental, Ensino Médio Normal e agora Politécnico, EJA noturno equivalente aos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Escola na qual

sou professora no turno da manhã de uma turma de 5º ano. O Instituto Ernesto é uma escola considerada de grande porte, com 41 espaços distribuídos em 25 salas de aula e outras atividades pedagógicas, sala de orientação pedagógica, sala de direção e vice-direção, coordenação, de planejamento para professores e sala dos professores, possui biblioteca com grande acervo dos livros enviados pelo MEC e outros adquiridos pela direção, está sendo montada uma sala de recursos para atendimento especializado aos alunos com dificuldade de aprendizagem, dois banheiros masculinos múltiplos com 3 sanitários em cada e dois banheiros múltiplos femininos, um múltiplo para os professores, refeitório com 7 mesas e 2 bancos para cada mesa, quadras de vôlei, futebol que é utilizada para o handebol e quadra de basquete com tabelas, também possui ginásio de esportes, dois parquinhos para os anos iniciais, espaço para sapatas e ambiente organizado. Duas salas de vídeo, sendo uma como auditório, pois possui cerca de 70 cadeiras devidamente organizadas, lá encontramos o telão e o Data Show a disposição para aulas diferenciadas, à televisão e o DVD ficam nesta sala. Ainda temos mais um Data Show que pode ser deslocado para a sala de aula. Possuímos um microscópio binocular, caixa de lâminas e laboratório com alguns equipamentos entre eles Becker, e medidores. Mas o laboratório não é muito usado, apenas por alguns professores de Biologia da tarde e nos dos anos iniciais também ocupamos conforme a necessidade do conteúdo que está sendo ministrado. Uma sala digital com 30 computadores. Esta sala é utilizada por todos os professores que devem preencher uma ficha de planejamento e onde consta o número do computador e da cadeira usada por cada aluno. Mas a sua finalidade resume-se em pesquisa na internet sobre temáticas das aulas ministradas. Possui secretaria, possui duas máquinas copiadoras em sala própria com demais materiais pedagógicos como ábaco, material dourado, onde fica a sala da pessoa responsável pelo financeiro da escola. A escola está com pintura nova, pois a diretora cuida muito do ambiente escolar que é mantido sempre limpo e organizado, há lixeiras de acordo com a classificação do lixo: vermelha para o plástico, azul para papel, marrom para orgânico.

Na escola há também partes arborizadas com espécies de Coniferophyta como o Cipreste, o Cupressus e Pinus, também um espécime de cicadófito, vários



girassóis que devido ao calor já estão começando a florescer. Ao longo da quadra externa há bancos de cimento são 3 e no corredor de chegada dos alunos perto de um dos jardins há bancos de ferro, são em número de 3. A escola possui uma entrada para os alunos e outra que fica para os pais, visitante próxima à secretária. Toda esta infraestrutura é distribuída em: dois prédios de dois andares, um prédio de três andares, sendo o térreo o laboratório de ciências e uma sala usada para guardar materiais e um prédio central o mais antigo, onde funcionou a primeira escola e atualmente ficam duas salas, a cozinha, o refeitório, dispensa, e banheiro para Educação Infantil e outro interno para as merendeiras. A escola recebe alunos oriundos das Vilas e arredores da cidade, também em nível de Ensino Médio e Ensino Médio Normal vem do interior por meio do transporte escolar proporcionado em parceria com o poder público municipal. A escola dispõe de 65 professores entre efetivos e temporários, que trabalham entre os três turnos de funcionamento e duas secretarias, uma agente educacional, 10 funcionárias que são distribuídas entre a limpeza e a merenda escolar.

A escola é organizada e conta como uma equipe gestora que trabalha pela qualidade de ensino. Composta pela diretora senhora: Anna Lurdes de Goes, formada em Letras e com curso de Gestão escolar, vice-diretora manhã: Luciana Chitolina Dartora, formada em ciências contábeis, vice-diretora da tarde: Eliane Godoy da Rosa, formada em Letras, vice-diretora da noite e supervisora do E. Médio Noturno: Alessandra Cunha, formada em Matemática. A equipe de supervisão é composta por: Adriana Regina Zimmermann Gonçalves como coordenadora geral e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, Jairiana Valler como coordenadora do E. Médio Normal (magistério), Jussamara Taffarel Zanotelli como supervisora do EJA (Educação de Jovens e Adultos) e Politécnico, juntamente com a vice-diretora Alessandra Cunha, Joana Mutoni como supervisora do E. Médio Politécnico e E. Médio, a supervisão dos anos finais do Ensino Fundamental ainda não está completa. Na orientação temos a senhora Eli Queiroz, formada em Pedagogia e especialista em Psicopedagogia atendendo na parte da manhã, á tarde a irmã Analice com a mesma formação da professora Eli, á noite também temos a professora Cladir que auxilia neste departamento com formação em Pedagogia. As duas secretárias possuem formação em pedagogia.

Quanto ao planejamento ele é realizado da seguinte forma: nas primeiras reuniões do ano os Planos de Estudo são reformulados baseando-se no PPP da escola, pelos professores, onde os conteúdos são debatidos quanto a sua aplicabilidade, a partir daí são realizadas as reuniões por áreas, por exemplo, a área das ciências se reúne nas terças-feiras das 17h15min às 19h15min para planejamento, troca de ideias, acompanhamento de conteúdos que estão sendo trabalhados no fundamental da manhã e no Ensino Médio da tarde. O planejamento é à base de tudo, não há como gerenciar aprendizado, avaliar se não possuímos um norte e o planejamento nos proporciona isso.

Ao analisar o PPP da escola percebe-se que as mídias não estão presentes como componente curricular a ser trabalhado de forma integrada as disciplinas. As mídias e tecnologias são elencadas como recursos pedagógicos para auxiliar aprendizagens. Mas sabemos que o PPP é reformulado de acordo com as necessidades que surge no contexto escolar como nos diz Vasconcellos (1995, p.143) “é um instrumento teórico-metodológico que visa ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola (...) possibilita re-significar a ação de todos os agentes da instituição”. Portanto as necessidades de reformulação estão emergentes e serão revistas para o próximo ano de 2013.

Uma escola considerada de grande porte, mas que ainda uso do vídeo e da TV como fins e não como meios pedagógicos para aprendizagem.

O trabalho realizado com a turma do 5º ano utiliza o vídeo para resgatar contos, histórias, contados pelos familiares dos alunos e das pessoas idosas do município. Fazendo uso do vídeo como subsídio pedagógico em sala de aula e no contexto educativo. Analisando a cultura local por meio das histórias de vida das pessoas entrevistadas. Transformando estas histórias em material pedagógico e problematizando a realidade.

## 2 . A TV E O VÍDEO NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Desde a sua origem a TV serve como veículo de informação e está presente na casa de praticamente todos os brasileiros, sendo em alguns casos o objeto mais importante da casa, ou de destaque especial. Em muitas casas em número maior que uma unidade.

Segundo Santaella (2008, p. 79)

Mas foi só com a TV que se solidificou a ideia do homem de massa junto com a ideia de *mass media*. Não fazíamos ideia de que existiam coisas como consumo de massa e psicologia de massa até a televisão fazer delas seu próprio conteúdo. A lógica da televisão é a de uma audiência recebendo informações sem responder.

Estando a TV presente na casa de todos os brasileiros ela acaba por ser uma ferramenta passiva de transmissão de ideias, ideais e valores, mostrando situações em tempo real de fatos e acontecimentos, onde uma versão é passada, veiculando uma informação que “deveria” apresentar um cunho de neutralidade, mas como sabemos o posicionamento acaba acontecendo, mesmo que de forma subjetiva e isso veicula a psicologia da massa, onde se recebe a informação como pronta e acabada. E para questioná-la é necessário que os sujeitos possuam um raciocínio lógico crítico bem desenvolvido. O que para um adulto pode ser mais fácil do que para uma criança em desenvolvimento.

Como nos diz Moran (1995) a TV aborda uma linguagem múltipla, envolvente.

Os meios de comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem formas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens, que facilitam a interação, com o público. A TV fala primeiro do "sentimento" - o que você sentiu", não o que você conheceu; as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.

Certamente a roupagem sensorial que a TV aborda faz com que todos que perante ela estiverem prestem atenção ao que está acontecendo. Ela trabalha falando aos sentimentos, aos nossos sentidos, de forma dramática, enfática,

envolvente, com linguagem visual, falada e escrita. Com um poder de persuasão surpreendente.

Moran (2002) apud Machado (1988)

Televisão e vídeo combinam a dimensão espacial com a sinestésica, ritmos rápidos e lentos, narrativas de impacto e de relaxamento. Combinam a comunicação sensorial com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. A integração começa pelo sensorial, o emocional e o intuitivo, para atingir posteriormente o racional. Exploram o voyeurismo, e mostram até a exaustão planos, ângulos, replay de determinadas cenas, situações, pessoas, grupos, enquanto ignoram a maior parte do que acontece no cotidiano. Mostram a exceção, o inusitado, o chocante, o horripilante, mas também o terno – um bebê desamparado, por exemplo. Destacam os que detém atualmente algum poder – político, econômico ou de identificação/projeção: artistas, modelos, ídolos esportivos. Quando o perdem, desaparecem da tela.

O voyeurismo que a TV explora, onde o telespectador observa as diversas situações de vida de outros personagens de forma que não pode intervir em nada, apenas torcer para que o desenlace final seja o que o telespectador deseja, ou seja, que o bem vença no final. Este observar explora e trabalha com o imaginário do telespectador. Por que uma trama acaba por ser tão envolvente? Porque ela explora o lado emocional que faz com que o personagem seja odiado, ou amado. De certa forma o imaginário, os sentidos são aguçados e atraídos pelo que quer mais, pelo desejo que fica intrinsecamente guardado.

Na educação a TV também passou a ser muito utilizada, mas tendo mais ênfase o uso da mesma para utilizar o DVD, no caso o vídeo para ser trabalhado com os alunos na forma de expectadores.

De acordo com Gêneros Educativos- Mídias na Educação (2011)

René Berger, apud Pretto, considera que há três categorias de televisões e não uma televisão: a macro ou megatelevisão (representa grandes sistemas de comunicação, interligados por poderosas tecnologias, como os satélites e têm programação nacional e internacional); a mesotelevisão (geralmente TV local, a cabo e que atende grupos diferenciados, não se confundindo com a retransmissoras de grandes redes) e a microtelevisão (possível graças a equipamentos mais baratos e mais acessíveis, torna qualquer pessoa capaz de fazer vídeo, democratizando essa forma de expressão cultural, política e social). (116: p.135-136)

A TV modificou e vem modificando seu conceito ao longo dos anos, pois nela estariam enraizados os conceitos de lazer, de informação de distração, mas não de educação.

Como nos afirma Rosado e Romano (1993, p. 15)

A televisão (comercial, de grande público) supõe o desenvolvimento de uma atividade de lazer, efetuada num local com características próprias ( em casa, em família, em grupos). Esse é o contexto dentro do qual a atividade de assistir à TV adquiriu reconhecimento e aceitação social.

A TV e o vídeo são recursos audiovisuais que podem e devem ser utilizados de forma pedagógica nas escolas. Como na Educação à distância no qual elas são muito difundidas no processo de aprendizagem dos sujeitos. Desta forma desmistificando a imagem de que TV serve somente para o lazer e distração. A educação e o aprendizado podem ser prazerosos e fazerem uso da roupagem sensorial que a TV oferece.

Netto ressalta o apoio que a tecnologia educacional tem dado à educação a distância, chegando ao ponto de fazer com que ambas se confundam, freqüentemente. Isto se deve à importância do papel que os recursos tecnológicos empregados (gráficos, audiovisuais etc) desenvolvem, ao permitirem o acesso mais ampliado de alunos a materiais que veiculam conteúdos educacionais relevantes.

No entanto é preciso que estas ferramentas sejam aplicadas com eficiência e com objetivos bem delineados de quais competências e aprendizados se deseja despertar ou proporcionar aos educandos, ou sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem.

De acordo com Rösing; Blanck (2010, p. 9)

Entre os meios eletrônicos, a televisão é a mídia mais consumida nos lares brasileiros, atingindo de forma significativa um grande número de espectadores de todas as faixas etárias.

O público infantil, especialmente, recebe forte influência dos conteúdos veiculados por esta mídia através de uma infinidade de imagens que são incorporadas no processo de formação do pensamento. A partir dessa interação, a criança absorve o mundo real, seguindo os referenciais midiáticos que se utilizam de recursos de som, imagem, formas e cores, que seduzem e alimentam o imaginário infantil. A mediação da família e da escola é fundamental para que a criança perceba o conteúdo televisivo de maneira ativa e não passiva. Portanto, ao integrar sistemas simbólicos com

os elementos imagéticos, a criança necessita educar seu olhar para problematizar e dialogar com os programas que são apresentados na tela.

A TV constitui então uma ferramenta de ensino e de influência nas crianças, mas deve ser trabalhada de pedagógica pela escola, pois se bem utilizada servirá de objeto de ensino aprendizagem para os educandos. Inclusive a própria invenção da mesma constitui uma pesquisa interessante e provocativa, a análise da linha evolutiva deste recurso audiovisual, como foi a primeira televisão e como ela se constitui atualmente, as diferenças são extraordinárias para serem comparadas.

## **2.1 O vídeo como recurso pedagógico**

O vídeo era visto como um recurso audiovisual destinado ao lazer e ao telespectador em momentos de não aprendizado, portanto não inserido no contexto educativo, isso devido à visão tradicional da escola, onde esta não é lugar para lazer e sim para aprendizagem. Desvinculando o aprender do divertido, do lúdico, do dinâmico.

De acordo com Rosado; Romano (1993, p. 16)

O vídeo traz à sala de aula um tipo específico de mensagem, ou, de linguagem: a linguagem audiovisual (...) que associa a imagem animada e o som sincronizados. Tem encontrado há décadas, constantes obstáculos para conquistar um espaço efetivo enquanto suportes para aquisição de conhecimentos no mundo da escola. Vários elementos contribuem para essa difícil conquista.

A utilização do vídeo no contexto escolar ainda dedica-se ao caráter informativo, explicativo, demonstrativo de algum conceito, ou conteúdo. Também é utilizado para a comunicação.

O vídeo é um instrumento de comunicação uma ferramenta de informação, um recurso didático, formado por uma sequência de imagens em movimento, que se faz presente na vida humana desde a pré-história, por meio das pinturas rupestres encontradas nas cavernas. Observa-se uma grande evolução desta ferramenta, através dos tempos mediante o registro de novos recursos que visavam deslocar imagens estáticas.

O vídeo passou a ser um importante instrumento que representa registros históricos de imagens que antes eram estáticas. Onde uma situação pode ser analisada por várias vezes, uma experiência, uma dança pode ser aprendida. Enfim uma forma de aprendizado diferente e eficaz.

Segundo Wohlgemuth (2005, p.12)

O vídeo não é mais do que uma ferramenta nas mãos de alguém e a serviço de uma proposta, de uma ideia. Portanto, quando falamos no uso do vídeo em processos populares de informação, educação e capacitação, não podemos esquecer as particularidades do humano e da sociedade e as relações interpessoais. A vantagem do vídeo (e de toda comunicação audiovisual) é o fato de ele se constituir uma ferramenta que conserva as mensagens e permite massificá-las por observação reiterada, permite homogeneizar os conteúdos quando estas são necessárias. E de mensagem inteligível.

Portanto o vídeo é uma ferramenta audiovisual que permite o registro de várias situações para a realização do trabalho pedagógico. Através dele não apenas a imagem fica registrada, mas o som, o movimento, o contexto global da ação ou situação. Que pode ser guardada, analisada, e registrada de outra forma.

De acordo com Santos (2011, p. 2) apud Machado (1988)

O vídeo é um instrumento que estimula todos os sentidos. Sua característica mais marcante é a intensa mistura de linguagens e gêneros. Signos sonoros, visuais, verbais, táteis, cinéticos transformam o visor do vídeo num espaço sensorio. O vídeo configura também um circuito de linguagem novo, portador de uma específica lógica de circulação, produção e consumo, múltipla e intersemiótica, mas não caótica. Esse aparato tecnológico traz instigantes questões para as linguagens, inclusive para a escrita e para voz, bem como para as artes contemporâneas.

O uso do vídeo de forma intersemiótica, ou seja, uma história escrita passando a ser um teatro, que por sua vez passa a ser um vídeo, pois é filmado. Proporciona ao uso do vídeo uma nuance muito significativa e proveitosa como ferramenta pedagógica.

Moran (1995) nos elenca várias maneiras de fazer o uso pedagógico do vídeo em sala de aula: sendo elas o vídeo como sensibilização, vídeo como ilustração, vídeo como simulação, vídeo como conteúdo de ensino, vídeo como avaliação,

vídeo como integração/ suporte, vídeo espelho e o vídeo produção. A ação deste trabalho embasou-se no vídeo produção e de acordo com Moran (1995)

### **Vídeo como PRODUÇÃO**

- Como documentação, registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos. Isto facilita o trabalho do professor, dos alunos e dos futuros alunos. O professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo assim como tem os seus livros e apostilas para preparar as suas aulas. O professor estará atento para gravar o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas.

- Como intervenção: interferir, modificar um determinado programa, um material audiovisual, acrescentando uma nova trilha sonora ou editando o material de forma compacta ou introduzindo novas cenas com novos significados. O professor precisa perder o medo, o respeito ao vídeo assim como ele interfere num texto escrito, modificando-o, acrescentando novos dados, novas interpretações, contextos mais próximos do aluno.

- Vídeo como expressão, como nova forma de comunicação, adaptada à sensibilidade principalmente das crianças e dos jovens. As crianças adoram fazer vídeo e a escola precisa incentivar o máximo possível a produção de pesquisas em vídeo pelos alunos. A produção em vídeo tem uma dimensão moderna, lúdica. Moderna, como um meio contemporâneo, novo e que integra linguagens. Lúdica, pela miniaturização da câmera, que permite brincar com a realidade, levá-la junto para qualquer lugar. Filmar é uma das experiências mais envolventes tanto para as crianças como para os adultos. Os alunos podem ser incentivados a produzir dentro de uma determinada matéria, ou dentro de um trabalho interdisciplinar. E também produzir programas informativos, feitos por eles mesmos e colocá-los em lugares visíveis dentro da escola e em horários, onde muitas crianças possam assisti-los.

Como podemos ver são muitas a maneira de utilização do vídeo no contexto escolar, e muitas outras que podem ser elencadas e criadas pelos educadores e educandos, mas o vídeo produção faz com que os envolvidos na ação educativa sejam participativos no processo, pois pode ser utilizado no modo de produção de documentação, servindo como ferramenta para registro e análise de histórias de vida.



### 3 CULTURA REGIONAL E LOCAL

A cultura é primordial para a compreensão da história de um lugar, de um povo. Ela é recheada de valores éticos e morais, servindo como alicerce as nossas relações.

Este conjunto de características encontradas em cada região, em cada local tornando-o singular e único em meio às diversidades. Estas não podem ser vistas como diferenças, mas como um rico conjunto que realça o contexto local.

#### 3.1 O que é cultura

Ao analisarmos a historicamente o que é cultura, nos reportamos as palavras de Moreira e Candau (2008, p. 26) que nos aponta o primeiro e mais antigo significado de cultura. Encontra-se na literatura do século XV, em que a palavra se refere a *cultivo* da terra, de plantações e de animais.

Vejamos de acordo com Moreira e Candau (2008, p.26-27) a cronologia histórica do conceito de cultura:

O segundo significado emerge no início do século XVI, ampliando a ideia de cultivo da terra de animais para a *mente humana*. Ou seja, passa-se a falar em mente humana cultivada, afirmando-se mesmo que somente alguns indivíduos, grupos ou classes sociais apresentam mentes e maneiras cultivadas e que somente algumas nações apresentam elevado padrão de cultura ou civilização. No século XVIII, consolida-se o caráter classista da ideia de cultura. (...) o sentido de cultura que ainda hoje a associa às artes, tem suas origens nesta segunda concepção.

Já no século XX, a noção de cultura passa a incluir a cultura popular, hoje penetrada pelos conteúdos dos meios de comunicação de massa.

Um terceiro sentido da palavra cultura, originado no Iluminismo, a associa a um processo secular geral de descobrimento social. Esse significado é comum nas ciências sociais, sugerindo a crença em um processo harmônico de desenvolvimento da humanidade, constituído por etapas. (...)

Em um quarto sentido, a palavra "culturas" (no plural) corresponde aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos (nações, classes sociais, grupos étnicos, culturas regionais, geracionais, de gêneros etc) e períodos históricos. Trata-se de uma visão antropológica de cultura, em que se enfatizam os significados que os grupos compartilham, ou seja, os conteúdos culturais.

Um quinto significado deriva da antropologia social. (...) concebendo a cultura como prática social, não como coisa (artes) ou estado de ser (civilização). A palavra cultura implica, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo. São os arranjos e as relações envolvidas em um evento. Cultura representa um *conjunto de práticas significantes*.

Portanto, a cultura como conhecemos atualmente foi constituída historicamente, perpassando pelas mudanças que a sociedade também passou e evoluindo de forma significativa. Então nem seu próprio conceito é considerado estático.

Como nos diz Jobim (2006)

**A CULTURA** é fundamental para a compreensão de diversos **valores morais e éticos** que guiam nosso comportamento social. Entender como estes valores se internalizaram em nós e como eles conduzem nossas emoções e a avaliação do outro, é um grande desafio.

**CULTURA** - É o conjunto de atividades e modos de agir, costumes e instruções de um povo. É o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência transformando a realidade.

**Cultura** é um processo em permanente evolução, diverso e rico. É o desenvolvimento de um grupo social, uma nação, uma comunidade; fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais. É o conjunto de fenômenos materiais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico ou uma nação ( língua, costumes, rituais, culinária, vestuário, religião, etc ), estando em permanente processo de mudança.

Nas palavras de Jobim estão exemplificados os aspectos que perfazem uma cultura geral e mais conhecida por todos. E ao mesmo tempo aponta para o dinamismo cultural, pois a cultura está em perante evolução e aprimoramento.

São vários os conceitos de cultura entre eles podemos analisar o que nos diz Santaella (2003, p.29)

Cultura, em todos os seus sentidos, social, intelectual ou artístico é uma metáfora derivada da palavra latina *cultura*, que no seu sentido original, significa o ato de cultivar o solo. Os sentidos conotativos de cultura não tardaram a aparecer. Cícero, por exemplo, já usava a expressão *cultura anima*, cultura da alma, identificando-a com a filosofia ou aprendizagem em geral. (...) A cultura é como a vida. Sua tendência é crescer, desenvolver-se, proliferar.

Se a cultura é como a vida, ela é regida pelo movimento, pela disseminação, pela modificação.

A cultura está presente nas relações, nas histórias de seu povo, nos seus costumes, mas também é modificada pelos fatores e reflexões sociais e pelo contexto político e econômico de seu período.

De acordo com Bhabha (1998, p. 69)

(...) deveríamos lembrar que é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre lugar*- que carrega o fardo do significado da cultura. Ele permite que se comecem a vislumbrar as histórias nacionais, antinacionalistas, do “povo”. E, ao explorar esse Terceiro Espaço, temos a possibilidade de evitar a política da polaridade e emergir como os outros de nós mesmos

Neste sentido Bhabha quer nos dizer que a cultura não é entangue, mas um processo, onde o contexto influencia nos hábitos, costumes, ou mudanças destes, pois assim como a sociedade se transforma a cultura também sofre interferência do momento político pelo qual se esta passando. Analisando por este viés muitos hábitos ditos como culturais surgiram pelas necessidades eminentes para o contexto da época.

O entre lugar abre espaço para a análise entre o que se tinha como certo e errado, a partir das histórias e falas do povo que viveu está cultura e possibilita o Terceiro Espaço, onde não é necessária a polaridade extrema entre o certo e errado, mas emergi como a análise ponderada do caminho a seguir.

Bhabha (1998, p.27) também nos diz:

O trabalho fronteiro da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradição cultural. Essa arte não apenas retorna o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.

O entre-lugar é o ponto de reflexão que podemos fazer sobre os aspectos culturais do passado e relacioná-los aos dias de hoje. Não há como projetar ações futuras se não partirmos de nossas raízes se não observarmos a constituição das ideias, para podermos dar significância ao presente. Por isso a cultura de um povo é de suma importância. Não para resgatá-la e nela manter-se esquecendo as evoluções, mas para sob ela ressignificar o presente e projetar o futuro, constituindo-se sobre bases sólidas.

### 3.2 Riqueza cultural das histórias orais

A maneira simples, singela com que os pais, os avós contavam as histórias, os causos, os contos aos seus filhos e netos era algo fascinante. Em épocas onde não havia a TV e o rádio para encantar a mente das crianças. Existiam então as rodas de causos e conversas. O ouvir, o narrar, o esperar, o sonhar, o imaginar sem ver apenas através das palavras do orador. Assim muitas pessoas foram educadas e orientadas.

Um costume muito antigo utilizado pelo povo que vivia em grupos era o de contar histórias, narrar fatos, ou contar mitos para explicar os fenômenos da natureza. Eles reuniam-se em volta da fogueira, para exercitar o ato de ouvir e a imaginação, mas as crianças inicialmente não foram o público alvo. Mas não demorou muito para que as histórias narradas chegassem até as crianças. Elas eram utilizadas para encantar, amedrontar contra perigos, e para ensinar lições de valores, como no caso das fábulas. Além de exercitar o ato de ouvir e de prestar atenção a quem conta.

Conforme Drummond de Andrade

“Que a felicidade não dependa do tempo, nem da paisagem, nem da sorte, nem do dinheiro”. Que ela possa vir com toda simplicidade, de dentro para fora, de cada um para todos. Que as pessoas saibam falar, calar, e acima de tudo ouvir. Que tenham amor ou então sintam falta de não tê-lo. Que tenham ideais e medo de perdê-lo. Que amem ao próximo e respeitem sua dor. Para que tenhamos certeza de que: Ser feliz sem motivo é a mais autêntica forma de felicidade.

Ao ouvir uma história, seja esta um conto, fábula ou um causo. Seja ela verdade, ou mentira, seja ela triste ou feliz. Estamos estabelecendo um vínculo de ouvir, falar e sentir, pois cada um é especial, sua história é importante e ser ouvido, faz com que nos sintamos ainda mais especiais e mais felizes.

A cultura de um povo, suas crenças e costumes estão intrinsecamente presentes em suas falas, sendo está a fonte mais rica de conhecimento de um povo, suas histórias de vida.

Nas palavras de Meireles (1957):

Como se morre de velhice  
ou de acidente ou de doença,  
morro, Senhor, de indiferença.

Da indiferença deste mundo  
onde o que se sente e se pensa  
não tem eco, na ausência imensa.

Na ausência, areia movediça  
onde se escreve igual sentença  
para o que é vencido e o que vença.

Salva-me, Senhor, do horizonte  
sem estímulo ou recompensa  
onde o amor equivale à ofensa.

De boca amarga e de alma triste  
sinto a minha própria presença  
num céu de loucura suspensa.

(Já não se morre de velhice  
nem de acidente nem de doença,  
mas, Senhor, só de indiferença.)

Meireles nos fala do ser ouvido, do sujeito que acredita não ter significância, das pessoas idosas que antes eram os que mais detinham a sabedoria e que eram ouvidos, atendidos e escutados, pois muito tinham a repassar com suas histórias de vida e de conhecimentos, por suas necessidades. Mas cadê as histórias contadas aos filhos, e aos netos. Será que hoje o ato de ouvir está sendo exercitado? Os filhos conhecem a história de vida de seus pais, de seus avós? É desta indiferença que pessoas estão morrendo, morrendo não em sentido explícito da palavra, mas por falta da palavra dita e escutada.

As histórias de vida do povo constituem uma fonte de informação empírica e revestida de valor sentimental, histórico e cultural, pois expressa o pensar, o querer, o sentir de uma época. Refletem as tradições, convicções e valores vivenciados pelas pessoas, o contexto ambiental vivido, entre várias outras informações que se encontram presentes nas suas falas e expressões.

### **3.3 A formação étnica do sul do Brasil**

A região Sul do Brasil possui características na formação de sua etnia que a constitui de forma heterogenia nos aspectos culturais:

Tais são os lavradores *matutos* de origem principalmente açoriana, que ocupam a faixa litorânea do Paraná para o sul; os representantes atuais dos antigos *gaúchos* da zona de campos da fronteira rio-platense e dos bolsões pastoris de Santa Catarina e do Paraná, e, finalmente, a formação *gringo-brasileira* dos descendentes de imigrantes europeus, que formam uma ilha na zona central, avançando sobre as duas outras áreas.

A coexistência e a interação desses três complexos opera ativamente no sentido de homogeneizá-los, difundindo traços e costumes de um ao outro (...) O Brasil sulino surge a civilização pelas mãos dos jesuítas espanhóis, que fazem florescer no atual território gaúcho de missões a principal expressão de sua república cristã-guaraníca. (RIBEIRO, 2004. p. 409)

A formação cultural do povo brasileiro é diversificada, mas a do povo sulino, ou gaúcho consegue abarcar uma heterogeneidade ainda maior, e o gaúcho distinguiu-se dos demais se mesclando as outras culturas que o formou e incorporando aos seus costumes o costume de várias outras culturas.

Um povo que fez história, que contou história. Mas algumas ficaram perdidas no caminho, ou não foram registradas em lugar algum. Prevalendo o costume do causo, do conto que de geração em geração se ia passando, pois os ensinamentos eram assim transmitidos.

Ainda como nos diz Ribeiro (2004. p. 416)

Originalmente os gaúchos não se identificam como espanhóis nem como portugueses, do mesmo modo como já não se consideravam indígenas, constituindo uma etnia nascente, aberta a agregação de contingentes de índios destrabalizados pela ação missionária ou pela escravidão, de novos mestiços de brancos pobres segregados de suas matrizes.

Formando então sua matriz pela agregação de várias etnias, de várias culturas e histórias. De acordo com Ribeiro (2004. p. 414) Os gaúchos brasileiros têm uma formação histórica comum à dos demais gaúchos platinos. Surgem da transformação étnica das populações mestiças de varões espanhóis e lusitanos com mulheres guarani.

Ainda como nos relata Ribeiro (2004. p. 427) outra configuração histórico-cultural constitui-se no Brasil sulino formada por populações transladadas dos Açores, no século XVIII, pelo governo português.

A terceira configuração histórica-cultural da região sulina de acordo com Ribeiro (2004. p. 436) é constituída pelos brasileiros de origem germânica, italiana,

polonesa, japonesa, libanesa e várias outras, introduzidos como imigrantes do século passado.

Uma diversidade cultural que conseguiram manter características específicas inclusive formar colônias, mas que acabaram mesclando suas formas de viver com as já vivenciadas pelos que aqui primeiro chegaram.

### **3.4 Formações étnicas culturais do município de Fontoura Xavier**

O município de Fontoura Xavier também fez parte das missões jesuíticas uma das provas evidentes deste fato é a existência de uma pedra, ou marco jesuíta que delimitava os antigos ervais Jesuíticos. De acordo com Ortiz (2008. p. 81)

Este é um marco que delimitava os antigos Ervais Jesuíticos, comprovando a ocupação deste espaço pelas antigas Reduções Jesuíticas dos Índios Guarani. Foi encontrada nas matas da região, estudada e restaurada em laboratórios com a supervisão do IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Está exposta no Parque Municipal de Eventos, junto à BR 386, em Fontoura Xavier.

De acordo com estudos realizados após descobrimento deste marco Histórico, constatou-se que a região onde fica localizado o município de Fontoura Xavier foi a 15ª Redução Jesuítica. Como nos relata Ortiz (2008, p. 82)

No ano de 1633, foi fundada pelo Padre João Soares da Serra do Botucaraí, a 15ª Redução dos Jesuítas, que levou o nome de São Joaquim. Contam os antigos, e realmente constatam-se no atual Território do município de Fontoura Xavier, indícios de acampamentos que marcam a passagem dos jesuítas. Essa Redução foi completamente destruída pelos Bandeirantes Paulistas em busca de escravos índios.

A formação étnica do município de Fontoura Xavier perpassa pelos mesmos caminhos que todo o Rio Grande do Sul passou, mas da ênfase a mescla dos índios com o português, ou como é conhecido “bugre” uma mistura de etnias, inclusive a afrodescendente com o índio.

O povo do município de Fontoura Xavier possuem hábitos culturais e folclóricos que valem a pena serem lembrados e resgatados pelas novas gerações,

bem como registrados de forma efetiva. São eles as histórias de caçadores de animais selvagens, de procura a potes de ouro, de assombração. Os costumes dos benzimentos, rezas, e mesadas de doces quando as crianças completavam 7 anos de idade.

Ainda fazendo uso das palavras de Ortiz para explicar um pouco sobre estes hábitos e histórias:

- Uma das crendices mais antigas era o temor que as pessoas tinham pelo dia de São Pedro, 29 de junho. Eles diziam que São Pedro era muito violento, que no seu dia não deveriam ser aberto bares, fazer bailes. (...) Também no dia de São João fazia-se fogueiras, (...) e fazia-se mesadas para inocentes, isto é, uma mesa com doces para crianças menores de 7 anos.
- Os bailes começavam as 20h e havia janta no meio do mesmo, com assados em geral.
- As pessoas mais velhas acreditavam em lobisomem, até diziam ter visto o bicho, que seria um cachorro muito grande, que uivava depois da meia noite e atacava pessoas. Diziam que era um homem que se transformava no tal animal.
- As matas eram fechadas, e os caçadores contavam ter visto animais selvagens como a onça pintada, gatos do mato e tamanduás . a caça era um esporte, porque não era proibido, qualquer pessoa podia caçar veados, tatus, pacas e outros.
- O povo acreditava que nos campos estavam enterrados moedas e utensílios de ouro deixado pelos padres jesuítas, então cavavam o solo. Mas quando ouviam qualquer barulho, fugiam com medo de assombração. Muitos encontravam panelas com moedas de ouro enterradas em locais considerados assombrados. (ORTIZ, 2008, p. 75)

As histórias de um povo possuem muitos fatores históricos culturais atrelados do que se possa imaginar. São histórias que relatam não apenas situações de vida, mas hábitos, modos, políticas da época, que podem e devem ser debatidos em situações de análise social e pedagógicas.

### **3.5 Contribuições do vídeo para o resgate cultural**

A cultura como já vimos não é algo estanque como muitos pensavam ser, ela é viva e perpassa pelas influências dos seres que dela fazem uso. Muitos hábitos culturais dos povos não cabem mais na sociedade atual e devem ser repensados quanto a sua aplicabilidade, ou seja, passar por uma evolução cultural.



Existem várias maneiras de registrar a cultura de um povo: pelos seus vestígios, objetos, vestimentas, pelas suas histórias, contos entre outras.

O resgate cultural não serve apenas de registro, mas deve servir de subsídio para se aprender com a cultura. De se refletir sobre o passado, pensar o que mudar no presente para buscar um novo futuro.

O recurso audiovisual do vídeo pode e deve ser utilizada para o registro e o resgate da cultura local, constituindo-se desta forma uma ferramenta pedagógica ativa no processo educativo.

Conforme Marques (editor) em Rosado et al Romano (1994. p. 5)

A linguagem audiovisual nas salas de aula, em especial, o vídeo, (...), e constitui não apenas em suporte e instrumento, mas em forma de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o uso do vídeo em sala de aulas não pode ser restrito à função de mero meio auxiliar de outras atividades, de entretenimento lúdico ou de relaxamento de tensões. (...) O vídeo não é mero objeto de uso, nem veicula mensagem pronta para simplesmente ser absorvida, mas é programa na perspectiva das abordagens diferenciadas a serem pedagogicamente reconstruídas e assumidas pelo grupo nelas interessado.

Considerando estes aspectos o vídeo passa ser um recurso para resgate e análise das culturas locais e regionais que formam cada contexto. Constituindo um registro das mesmas.

Moran (1995) também nos apresenta várias dinâmicas de análise do vídeo em sala de aula. Como a análise em conjunto, onde o professor é o moderador da mesma; análise globalizante, na qual após apreciação são apontados aspectos sobre o vídeo; análise concentrada, onde cenas marcantes são indicadas e revistas; análise funcional e análise da linguagem, sendo esta última a que norteou a ação prática deste trabalho.

Ainda nas palavras de Moran (1995)

**ANÁLISE DA LINGUAGEM**

- Que história é contada (reconstrução da história)
- Como é contada essa história
  - . O que lhe chamou a atenção visualmente
  - . O que destacaria nos diálogos e na música
- Que ideias passa claramente o programa (o que diz claramente esta história)
  - . O que contam e representam os personagens
  - . Modelo de sociedade apresentado
- Ideologia do programa
  - . Mensagens não questionadas (pressupostos ou hipóteses aceitos de antemão, sem discussão).
  - . Valores afirmados e negados pelo programa (como são apresentados a justiça, o trabalho, o amor, o mundo)
  - . Como cada participante julga esses valores (concordâncias e discordâncias nos sistemas de valores envolvidos). A partir de onde cada um de nós julga a história.

A análise da linguagem abre um leque de possibilidades para o trabalho com relatos orais, pois através da linguagem identificamos épocas, fontes históricas, modelo societário, de economia e de ambiente, bem como os valores enraizados nestas falas.

As sugestões de Moran são simples, mas muito significativas para o trabalho com análise de vídeo, seja ele produzido ou não pelos educandos. Acredito que se estes indicativos fossem seguidos o trabalho com esta ferramenta pedagógica possibilitaria um aprendizado mais significativo e contextualizado

#### 4. METODOLOGIA

A metodologia abordada é a qualitativa, de cunho teórico, mas envolvendo pesquisa de campo e uma proposta de uso do vídeo e do software de edição de vídeo para o trabalho educativo nas escolas. As entrevistas filmadas (roteiro-apêndice A) foram apresentadas em sala de aula para apreciação de todos e realizada a dinâmica de análise baseada na proposta de Moran (1995), onde um roteiro (apêndice B) foi elaborado para que a história de vida fosse problematizada em sala de aula. Moran (1995) foi utilizado como embasamento teórico para utilização do vídeo como Produção e para análise das linguagens dos mesmos.

Os sujeitos envolvidos neste trabalho são os educandos do 5º ano do Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia do turno da manhã, turma na qual sou regente de classe. Os sujeitos entrevistados e filmados foram: João Antônio Ebertz, Alberto Vaz Pinheiro, Nerceniria da Silva Pinheiro e Antoninha Heisler.

O trabalho do uso pedagógico do vídeo em sala de aula ficará a cargo da educadora regente da turma, onde serão realizados:

- Pesquisa das pessoas para serem filmadas e elaboração do roteiro para entrevista (apêndice A);
- Trabalho com tipos de enquadramentos em fotografias antigas (educandos descreveram o contexto no qual a foto estava sendo registrada e analisaram a partir dos indicativos da educadora os tipos de enquadramentos);
- Trabalho de conceitualização sobre o que são: contos, causos, fábula, mitos, lendas, biografias, entre outros tipos de textos.
- Reescrita e ilustração das histórias de vida e causos contados nos vídeos;
- Pesquisa de fatos curiosos sobre os vídeos trabalhados;
- Associação de fatos relatados aos aspectos históricos estudados pelos alunos (apêndice B);
- Tabela comparativa de análise do passado com o presente (apêndice B);
- Projetando o futuro;

- Encenação de peça teatral com as histórias de contexto significativo para o grupo;
- Filmagem das apresentações.

Apresentar os resultados para toda a comunidade escolar, com a compilação de um vídeo com as histórias resgatadas da comunidade local.

#### 4.1 Cronograma geral das atividades

Quadro 2: Quadro das atividades gerais de construção da monografia.

DATA	ATIVIDADE PREVISTA
AGOSTO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Buscando parcerias. Apresentação da Proposta do projeto a turma do 5º ano e a Escola;</li> <li>• Coleta de relatos e histórias trazidas pelos alunos de pessoas de sua comunidade;</li> <li>• Socialização e seleção de relatos e histórias, considerando sua significância e relevância sociocultural.</li> <li>• Realizar leituras e buscar embasamento teórico para a monografia;</li> </ul>
SETEMBRO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saída a campo. Início das filmagens dos relatos e histórias selecionadas;</li> <li>• Compilação dos resultados em sala de aula com alunos (análise de vídeos);</li> <li>• Reflexões escritas sobre aspectos históricos abordados nos vídeos.</li> <li>• Trabalhar com a metodologia da monografia.</li> </ul>
OUTUBRO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Socialização de resultados na Escola;</li> <li>• Escrita dos resultados do estudo;</li> </ul>
NOVEMBRO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escrita dos resultados finais;</li> <li>• Apresentação dos miniteatros: A história de João, O assombro do pote de ouro e o Causo da gaita.</li> </ul>
DEZEMBRO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da monografia.</li> </ul>

## 4.2 Cronograma de atividades com uso de vídeo na sala de aula

Quadro 1: Quadro das atividades com a turma do 5º ano

DATA	ATIVIDADE PREVISTA COM USO DO VÍDEO
AGOSTO	<p>Explicitação do projeto para os educandos do 5º ano;</p> <p>Explicitação do projeto para a direção da escola;</p> <p>Explicitação do projeto para os pais dos alunos em reunião realizada no dia 20/08/2012;</p> <p>Construção de um roteiro para entrevista e filmagem das pessoas</p> <p>Trabalho com tipos de enquadramento.</p> <p>Trabalho com conceitos de: Fábula, conto, caso, mito e lenda.</p> <p>Pesquisa de histórias de vida do avô da aluna Larissa na localidade de Vila Tana; do vizinho do aluno Marcos na comunidade de Vila Vaz da Senhora Antoninha Heisler também da Vila Vaz;</p> <p>Filmagem no dia 25/08/2012 do senhor João Antônio Ebertz. E do senhor Alberto Vaz Pinheiro, Nerceniria da Silva Pinheiro.</p>
SETEMBRO	<p>Trabalho sobre o que é cultura, quais conceitos podemos considerar.</p> <p>Trabalho com os vídeos em sala de aula:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apreciação dos vídeos, analisando os enfoques culturais trazidos pelas pessoas. Realizando uma tabela comparativa sobre aspectos de costumes utilizados antigamente e atualmente;</li> <li>• Verificar quais os tipos de enquadramentos foram utilizados na entrevista;</li> <li>• Pesquisa em internet sobre fatos que provocaram interesse nos alunos trazidos nas falas das pessoas;</li> <li>• Montagem de tabelas com dados;</li> <li>• Continuação da pesquisa para mais filmagens;</li> </ul> <p>Filmagens;</p>
OUTUBRO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação dos resultados do projeto a comunidade escolar;</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrega de DVD para os participantes da pesquisa;</li> <li>• Escolha de uma história para ser representada em forma de peça teatral, convidando os participantes da pesquisa para apreciarem o evento na escola.</li> </ul>
NOVEMBRO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escrita dos resultados da pesquisa na monografia;</li> <li>• Entrega da versão final da monografia.</li> </ul>
DEZEMBRO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da monografia para banca;</li> </ul>

No quadro 1 podemos observar como a ação pedagógica aconteceu, como o vídeo foi utilizado para trabalhar de forma interdisciplinar os conteúdos das diversas disciplinas.

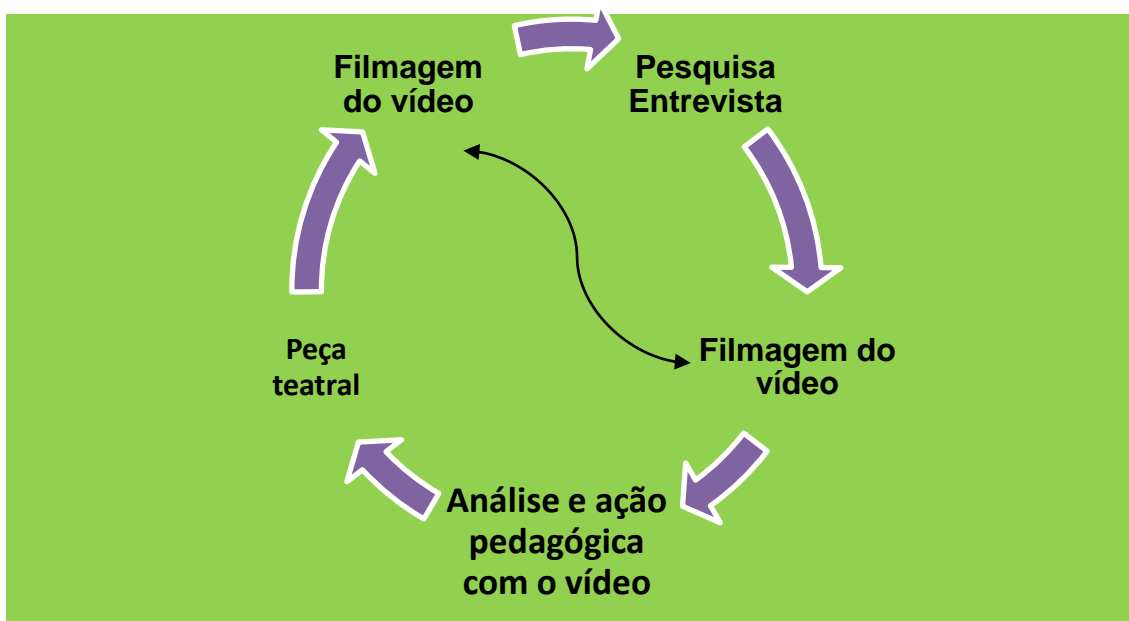


Figura 2: Organograma do trabalho com a ferramenta vídeo.

Fonte: primária.

O organograma apresentado na figura 2 mostra o ciclo que se estabelece na experiência pedagógica com uso do vídeo demonstrando que a partir da pesquisa o vídeo é realizado, após todo o trabalho interdisciplinar que envolve as diversas disciplinas é realizado em sala de aula, com apoio das demais mídias como a internet, as tecnologias da TV, do DVD, Data show, do editor de vídeo estão presentes na organização deste trabalho. O vídeo não é um fim em si mesmo, mas um meio para aprendizagem dos demais conhecimentos. Mas em síntese todo o trabalho é realizado e retorna para o vídeo, sendo o este o possível gerador de mais ações pedagógicas, pois o que acreditamos ser o fim de um trabalho pode ser o início de mais intervenções pedagógicas, onde serão apreciados pelos próprios atores das histórias e pelos educandos que encenaram, onde certamente indicarão possíveis melhores nos próximos trabalhos. Aprendendo com o vídeo a avaliar-se individualmente, e em conjunto.

## 5 DAS MEMÓRIAS PARA AS TELAS

Como é maravilhoso ouvir uma história. Quantas histórias estão guardadas em nossa memória e fazem parte das nossas recordações. Muitas vezes apenas fragmentos da infância, mas que por serem tão significativos são evocados por cheiros, por ações, por imagens.

Resgatar histórias de pessoas que tem muito para contar, com sua maneira simples e singela é algo envolvente, pois toda história está recheada pela cultura de quem a conta, pelas suas tradições, hábitos e costumes.

Muitas vezes o educador pensa em como trabalhar produções textuais com seus alunos. Ou em analisar fatos históricos, ou geográficos. Como por exemplo, a vinda dos imigrantes alemães e italianos para o Rio Grande do Sul (assunto trabalhado no 5º ano do Ensino Fundamental). Que tal encontrar uma pessoa que conheça esta história para contá-la, ou melhor, ainda utilizar o vídeo como uma ferramenta pedagógica de registro desta história, pois foi isso que o projeto *A contribuição dos recursos audiovisuais para o resgate da cultura local: uma experiência pedagógica em Fontoura Xavier* buscou fazer. Utilizando os recursos audiovisuais com histórias de pessoas reais para trabalhar conteúdos escolares, desenvolver competências e habilidades e as múltiplas inteligências.

O projeto foi lançado para a turma e para escola. Começaram então as pesquisas das histórias de pessoas mais idosas, em comunidades mais próximas a escola, ou a casa dos educandos para que ficassem viáveis as filmagens.

O envolvimento da turma foi muito grande. Sugiram várias histórias de vida, então foi preciso trabalhar com a turma a seleção destas histórias para que algumas fossem filmadas e as análises fossem realizadas. Neste ponto é preciso aprender a partir de uma proporção de significância a selecionar o que de mais importante deveria ser filmado.

Então realizamos as leituras de todas as histórias trazidas, onde selecionamos a história do senhor João Antônio Ebertz, Alberto Vaz Pinheiro, Nerceniria da Silva Pinheiro e Antoninha Heisler. Muitas outras poderiam ser



filmadas, mas o tempo era curto e precisávamos escolher as histórias para o trabalho com elas após as filmagens.

A história de vida do senhor João Antônio Ebertz foi muito interessante, pois trazia fatos já históricos já trabalhados pela turma, sendo eles a vinda dos imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul e a época da Ditadura Militar.

Meu pai veio da Alemanha com meus avós em barco chamado de coador, onde uma casa era feita em cima de três canoas e um pano no formato de coador era colocado a favor do vento que queríamos, quando o vento não estava do lado certo o coador era baixado. Levando cerca de seis meses para chegar aqui no Brasil e Rio Grande do Sul.

Já tinha oito anos quando foram para Barros Cassal, tiveram que abrir picada a facção e construir as suas casas, foi nesta época que meu pai morreu picado por uma cobra cola branca, ele estava trabalhando na roça.

Lembro-me de um vizinho que trouxe um rádio da Alemanha e foi preso, morrendo enforcado por este motivo. JOÃO ANTÔNIO EBERTZ (2012)

Senhor Alberto Vaz Pinheiro relatou-nos um pouco sobre sua vida, mas o que mais interessou a todos foi o caso do assombro que ele viu:

Há muitos anos atrás estava trabalhando de tarefeiro na erva-mate (pessoa que faz a colheita da erva-mate) quando entrei no mato fechado para se refrescar. Encontrei um monte de terra, com barba de pau em cima, parecia ser muito velho. Cavei em volta deste monte e começou a aparecer carvão, monte de carvão. Então achei que pudesse ser um pote de ouro, que em épocas atrás as pessoas guardavam seu dinheiro de ouro assim. Voltei para o trabalho, mas fiquei pensando sobre o assunto. Quando cheguei em casa contei para o meu irmão que decidiu ir comigo de noite para vermos se era o pote de ouro. À noite fomos lá e na estrada começaram os barulhos de tudo quanto era bicho. Quis voltar, mas meu irmão não quis e o barulho começou a ficar mais perto e daí eu disse vamos correr e acabamos se separando. Quando olhei para trás vi que algo estava correndo atrás de mim, mas não era o meu irmão, então virei e quando ia jogar a enxada em cima do que

estava atrás de mim, mas quando fiz isso o vulto desapareceu, se desmanchou na minha frente.

Quando sai do mato enxerguei meu irmão e perguntei se ele havia visto o vulto, mas ele disse que não tinha visto nada. Fui para casa e não dormi aquela noite. No outro dia voltamos lá para ver o lugar e o monte não estava mais lá, nem as barbas de pau. Tudo tinha desaparecido. ALBERTO VAZ PINHEIRO (2012)

Das histórias da senhora Nerceniria da Silva Pinheiro a que mais chamou atenção foi sobre o caso da gaita, onde conta:

Tinha uma lenda que se uma pessoa quisesse muito aprender a tocar gaita e como na época não havia pessoas para ensinar, deveria ir a uma encruzilhada na sexta-feira santa, levando duas cadeiras novas, uma gaita nova e uma adaga nova.

Eu conheci o homem que contou esta história e ele disse que não era para ninguém fazer o que ele fez. Eu não sei se era a vontade que ele tinha de aprender a tocar que fez com ele aprendesse ou se isso é verdade mesmo. O que sei é que ele realmente aprendeu e tocava até baile. NERCENIRIA DA SILVA PINHEIRO (2012)

A senhora Antoninha Heisler também contou sobre a sua história de vida e alguns casos da época, mas aos alunos selecionaram para realizarem as dramatizações as três histórias acima elencadas, talvez pelo fato do suspense ser algo que encanta as crianças e até muitos adultos, mexe com o imaginário de todos. Acharam estas histórias mais divertidas para serem representadas.

Os vídeos foram analisados sob os aspectos do apêndice B, ou seja, seguindo algumas das orientações de Moran (1995), sendo uma análise globalizante e de linguagem do vídeo, onde também abordamos os enquadramentos já estudados pela turma com suas fotos em outras aulas, onde a cultura também já havia sido bem debatida e questionada pela turma.

Em outro momento precisávamos escolher uma história para encenação de um teatro, mas não queríamos representar apenas uma história. Então acabamos selecionando três dividimos a turma de vinte alunos em três grupos. As peças

teatrais receberam os seguintes nomes: A história de João, O assombro e o pote de ouro e o Causo da gaita.

A história do senhor João recebeu outro nome foi: A vinda dos alemães para o Rio Grande do Sul, onde o senhor João foi substituído por Marília nome fictício de uma aluna que seria a filha do senhor Reinoldo Ebertz pai do senhor João Antônio Ebertz, pois no grupo havia poucos meninos, mas a substituição ficou muito interessante, em especial porque a ideia partiu dos próprios educandos. Dramatizaram a vinda da família com o barco coador, a construção das casas, a morte do seu pai, a parte do rádio na época da ditadura, enfim os fatos mais significativos na fala do entrevistado.

O assombro e o pote de ouro foi o causo contado pelo senhor Alberto Vaz Pinheiro, onde os educandos encenaram toda a parte do trabalho duro para colher a erva-mate, a descoberta do monte onde o possível pote estaria escondido. A busca pelos dois irmãos durante a noite, a aparição do vulto, ou famoso assombro. O retorno ao local no outro dia, onde não havia mais vestígio algum. Para esta dramatização os alunos criaram dois finais. Um onde seu Alberto encontrava o pote e comprava uma casa com piscina e outra onde ele não encontrava e no final falava que somente através do trabalho é que conseguimos um bom futuro. Colocaram em votação para o resto da turma que escolheu a última versão.

O terceiro teatro foi o Causo da gaita contado pela senhora Nerceniria da Silva Pinheiro. Os alunos conseguiram uma mini gaita de brinquedo e representaram toda a lenda que possibilitou o homem aprender a tocar gaita, incrementou a história com as falas da mãe do personagem, seu compadre e o vulto que aparece no causo. No final o gaiteiro fica famoso e ajuda toda a sua família e conta que tudo não passou de um grande sonho e que o que o fez aprender foi a sua força de vontade.

E finalmente os alunos interpretaram as histórias e adaptaram de acordo com sua imaginação. Nos últimos ensaios cada grupo apresentava para a turma, onde todos ajudavam com alguns ajustes, em gestos, expressão, pronúncia e até a definição e algumas mudanças no enredo das histórias. A postura, a maneira de apresentar-se, sempre de frente para o público foi muito apontada durante os

ensaios. Mas foi um trabalho que desenvolveu não apenas a escrita de um roteiro, a distribuição dos papéis, algumas trocas, pois os colegas não conseguiam representar, momentos de improviso, de esquecer as falas, mas o colega ajudou. Enfim toda magia do teatro que desenvolve o indivíduo por meio da expressão corporal, onde todas as linguagens se unem para o grande desafio de vestir um personagem, de ser alguém diferente do que eu sou.

Os ensaios, a montagem de cenários, de objetos que seriam utilizados. Incrível como os educandos tornam-se autores de suas próprias vontades, a criatividade é liberada, o senso de grupo de equipe torna-se mais forte e até o educando mais quieto participa. Quando nos sentimos parte de um grupo, somos mais felizes e as atitudes de cooperação, parceria tornam-se mais efetivas.

Os alunos desenvolveram-se muito em aspectos não apenas de conteúdos, mas em habilidades e competências, em expressão corporal, facial, e oral, nas relações interpessoais e intrapessoais.

A apresentação para as demais turmas da escola foi realizada no dia 29/11/2012. Os teatros foram filmados. E o ciclo retorna ao seu ponto de origem, ou seja, tudo começa com uma filmagem, um vídeo, passa para a problematização, pela ação pedagógica, pela escrita da história, para a dramatização do teatro e retorna para o vídeo. Mostrando como o vídeo pode e deve ser usado como uma grande ferramenta pedagógica no aprendizado dos educandos. No desenvolvimento de pessoas com sentimentos, com sensibilidade, com senso de observação de percepção sobre a importância que tem as histórias de vida das pessoas. Como o conteúdo que trabalho na escola pode e deve ser relacionadas a situações prazerosas e divertidas. Como as noções da disciplina de história dos anos iniciais de temporalidade, de sucessão de duração podem ser trabalhadas e desenvolvidas por meio do uso pedagógico das mídias, neste caso em especial o vídeo.

Foram várias as competências desenvolvidas e de forma interligadas as disciplinas curriculares dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente as mídias fazem parte de nosso contexto, pois são várias as maneiras pelas quais transmitimos as informações e mensagens. Assim como as mídias, a educação faz parte de nossa vida também, pois necessitamos da aprendizagem e estamos em constante evolução, pois somos aprendentes contínuos.

Analisando por este viés temos a convicção de que a escola atual precisa de mudanças em vários sentidos, mas fundamentalmente no que se diz respeito ao uso das mídias e tecnologias. Fazendo referência especial neste trabalho aos recursos audiovisuais da TV e do vídeo, mas especialmente ao vídeo como uma ferramenta pedagógica importante na aprendizagem significativa dos educandos.

A linguagem que a TV aborda possibilita o envolvimento do telespectador, mesmo sem poder opinar, interagir, este fica ludibriado a maneira como a mesma apresenta a informação. A TV fala ao sentimental, ao emocional do telespectador. Imaginemos então se um educador fizesse uso da mesma estrutura psicológica da mídia de massa e fizesse de suas aulas uma novela, deixando um gosto de quero mais a cada capítulo, certamente os educandos não iriam faltar aulas, pois haveria o desejo de estar ali. Mas porque utilizei esta comparação, não para dizer que o educador agora terá de fazer a sala de aula virar uma novela, não. Apenas para refletirmos o quanto podemos utilizar os recursos audiovisuais como aliados do processo de ensino aprendizagem e porque não deixar nas aulas o gosto de querer mais, fazer com que os educandos sejam também sujeitos deste processo, sabendo que nas aulas eles não devem ser meros espectadores, mas sim autores e sujeitos ativos de sua aprendizagem.

Talvez quando a educação fale mais ao sentimento seus objetivos sejam alcançados com maior facilidade.

Imaginemos agora os nossos educandos sentados quatro horas ouvindo informações, sem diálogo, sem trocas entre colegas, sem imagens, sem o som. Entre esta situação e a TV com toda a sua linguagem multisensorial. O que será

mais atraente? Então se a educação pode unir o útil ao agradável, por que não fazê-lo?

Reportemo-nos agora para o vídeo. Este é muito utilizado nas escolas, mas de que forma? Na grande maioria dos casos é como fechamento de uma aula em história, mostrando imagens de tempos antigos estudados, para suprir a falta de um professor, para um resumo muitas vezes não direcionado. Usado para filmar apresentações realizadas pelos alunos, que eles, muitas vezes, nem chegam a assistir. São muitas situações onde ele é utilizado. Mas de forma pedagogicamente elaborada ainda são raras. Este fato pode estar associado à resistência em aceitar as mídias neste contexto, ou em não saber como fazer esta integração ao aprender e desenvolver competências e habilidades que passam a ser o principal foco da educação.

O vídeo também utiliza uma linguagem multisensorial e uma importante ferramenta de registro e de aprendizagem, desde que bem utilizado.

Como há várias maneiras de fazer uso do vídeo em sala de aula, a proposta do projeto realizado com a turma do 5º ano 52 do Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia, tentou o utilizar como um meio e não um fim em si mesmo, fechando um ciclo de aprendizagem e de trabalho interdisciplinar, pois o projeto partiu da pesquisa de pessoas idosas que pudessem e quisessem contar suas histórias de vida, ou causos, contos e lendas que soubessem. Da pesquisa feita pelos alunos fomos para a realização da entrevista filmada, ou seja, o vídeo. Do vídeo partimos para a análise dentro de indicativos, de conceitos que já haviam sido estudados como o conto, o caso e a lenda.

As histórias foram reescritas, ilustradas e por fim dramatizadas e transformadas em teatro, para o qual foi necessária a elaboração de um roteiro escrito pelo grupo, por meio do qual foram distribuídas as falas e papéis. Voltamos então para o vídeo, pois as apresentações foram filmadas e distribuídas para os entrevistados apreciarem.

Os teatros foram apresentados às demais turmas do turno da manhã da escola que também puderam ver como foi o projeto, despertando interesse e alegria em todos.

Os aspectos culturais são elencados na visão de uma cultura dinâmica e não estanque, mas sim mutável e associada às mudanças de contexto, onde muitos hábitos utilizados no passado passam a ser questionados dentro de uma visão evolutiva atual, onde os próprios envolvidos percebem-se dentro desta análise, pois ao mesmo tempo em que há várias culturas, existe o entre-lugar pois, sabemos que somos várias culturas em um só indivíduo.

Os causos, contos e lendas da região do município de Fontoura Xavier são muitos e histórias como as contadas por estas pessoas neste trabalho se não fossem registradas possivelmente seriam contadas algumas vezes por algum filho, ou neto dos mesmos, ou também corriam o risco de serem esquecidas e nunca contadas, ou lembradas, visto que atualmente as rodas de histórias quase não existem mais. Mas com ajuda do projeto e da ferramenta audiovisual vídeo elas estarão em nossas memórias. E certamente não serão esquecidas tão facilmente.

Quanta cultura está atrelada as falas das pessoas, e através destas podemos descrever como era a sociedade, a política e a economia naquela época, analisar e comparar as mudanças que aconteceram e perceber que muitos hábitos mudaram para melhor, pois a sociedade e a tecnologia evoluíram, uma vez que valores que antes eram mais enfatizados precisam ser reconsiderados para preservarmos a humanidade.

O resgate destas histórias possibilitou uma reflexão acerca do quanto as pessoas que compõem nosso lugar são importantes e o quanto o diálogo deve permear as relações humanas e o quanto podemos aprender tendo como matéria prima pessoas e situações da vida cotidiana. Quantas vezes em sala de aula situações polêmicas são debatidas a partir de manchetes de jornais, eis que nos esquecemos do nosso contexto local. É preciso estabelecer estas relações em níveis locais e globais para que a aprendizagem torne-se mais significativa.

Enfim, avaliando o trabalho realizado percebeu-se o envolvimento a aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos, em vários aspectos do trabalho interdisciplinar como o retorno aos conceitos de História como a temporalidade: sucessão, duração, simultaneidade, mudanças e permanências e as fontes históricas. Da Geografia nas relações espaciais: topológicas, projetivas e euclidianas (integradas ao teatro). A História e a Geografia integrando-se na história de vida do senhor João, na pesquisa sobre como os imigrantes vieram para o Brasil e sua chegada ao nosso Estado, o Português presente na escrita, reescrita de histórias, na produção, na ilustração, interpretação dos fatos, na criação de roteiros, em Artes e Educação Física nos aspectos da dramatização da expressão sinestésica corporal, envolvendo todas as linguagens corporais e expressivas. No Ensino Religioso através dos valores subjetivos que estavam presentes o tempo inteiro, as múltiplas inteligências envolvidas nas relações interpessoais que foram constituídas, pois era de responsabilidade deles a harmonia do grupo, a professora apenas mediava o processo de construção dos miniteatros.

A Sociologia esteve presente, mesmo que subjetivamente, pois ao comparar as situações de vida das pessoas como viviam no passado e atualmente acabamos realizando analogias nos aspectos sociais, ambientais, econômicos, políticos e de valores morais e éticos. Foram várias situações presentes nas falas das pessoas que possibilitaram realizar esta reflexão.

Sendo assim acredito que o trabalho com o uso do vídeo possibilitou uma aprendizagem mais significativa, pois envolveu escola, família e sociedade.

Não poderia deixar de falar que enquanto o projeto ia sendo constituído, o aprendizado que obtive ao longo do curso de Especialização em Mídias da Educação também se consolidava. Percebendo que se já era uma educadora que buscava esta integração entre Mídias e a Educação, muito mais fui me tornando ao desvelar que este projeto foi apenas o começo do grande trabalho que pode ser realizado com uso do vídeo e muitas outras mídias. Espero não demonstrar uma pretensão exagerada, mas acredito que as aulas integradas às mídias garantem o mesmo sabor e o enredo de uma novela, onde o próximo capítulo sempre é esperado.



Poderia terminar esta conclusão elencando que transformar e qualificar a educação exige antes de tudo vontade. Vislumbrar as mudanças e a evolução constante dos processos. Integrar as mídias a educação como meios para desenvolver competências nos educandos. Desvelar os olhares para construir saberes e não apenas transmitir informações, mas ainda bem que muitos profissionais da educação, inclusive os que fazem parte de nosso poder executivo estão percebendo que a mudança é iminente e necessária e os desafios já foram lançados

Como todo bom projeto deixa o gosto de quero mais, este certamente deixou pretensões para o próximo ano, quando o trabalho com o resgate de histórias irá continuar, pois foram várias que tivemos de deixar para depois. O tempo era curto.

Em matéria que foi enviada ao jornal local *Integração*, intitulada *Pescadores de Histórias*, destacamos que se pretende continuar com a pesquisa, realizando entrevistas e filmagens de mais causos, contos, lendas e histórias de vida. O objetivo seria então a edição de um livro: *Resgatando histórias: Causos, contos e lendas do povo fontourense*. Uma possibilidade futura que dependerá de muito trabalho, de novas aprendizagens, da pesquisa e certamente de um trabalho em conjunto. Portanto é necessário buscar novas parcerias para continuidade deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

BHABA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DRUMMOND, Carlos de Andrade. Que a felicidade não dependa o tempo.  
**PENSADOR. INFO. UOL.** Disponível em:  
[http://pensador.uol.com.br/autor/carlos\\_drummond/](http://pensador.uol.com.br/autor/carlos_drummond/) Acesso: 02/09/2012.

GÊNEROS EDUCATIVOS: Vídeos institucionais. Disponível em:  
<http://200.130.6.210/webfolio/Mod82373/p05.htm>. Acesso em: 29/08/2012.

JOBIM, SÔNIA. Portal Orixás- Cultura Africana Brasil: **O que é cultura.** 2006.  
Disponível em: [http://www.orixas.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=21&Itemid=60](http://www.orixas.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21&Itemid=60) Acesso em: 14/10/12.

MABORDI Sabine (comentário). A Ambivalência de Homi Bhabha. Tradução Mariana Lustosa. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/bhabha/comentarios.htm>. Acesso em: 29/08/2012.

MEIRELES, Cecília. Como se morre de velhice. **PENSADOR. INFO. UOL.**  
Disponível em: [http://pensador.uol.com.br/autor/cecilia\\_meireles/](http://pensador.uol.com.br/autor/cecilia_meireles/) Acesso: 02/09/2012.

MÍDIAS NA EDUCAÇÃO. **Material de apoio módulo TV e rádio.** Disponível em:  
<http://www.eproinfo.mec.gov.br/webfolio/Mod81901/index.html>. Acesso em: 29/08/2012

MORAN, José Manuel. **Desafios da TV e do Vídeo à escola.** 2002. Disponível em:  
<http://www.eca.usp.br/moran/desafio.htm>. Acesso em 14/10/12.

\_\_\_\_\_, José Manuel. **Comunicação & Educação. O Vídeo na Sala de Aula** São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Indagações sobre o currículo: **currículo, conhecimento e cultura.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

ORTIZ, Mirian da Silva. **Fontoura Xavier: resgatando as origens.** Porto Alegre: Imprensa Livre, 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

ROSADO, Eliane Martins da Silva; ROMANO, Maria Carmen Jacob de Souza. **O vídeo no Campo da Educação.** Ijuí: Unijuí, 1993.

RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BLANCK, Lisandra. **Leitura audiovisual: 1º e 2º anos do ensino fundamental.** Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Andreia da Silva. Hipertextus Revista Digital: O VÍDEO E SUAS POSSIBILIDADES ARTÍSTICAS E COMUNICATIVAS Disponível em: ([www.hipertextus.net](http://www.hipertextus.net)) n.6, Ago. 2011

SILVA, Alexandre Rocha da; ROSSINI, Miriam de Souza (Coord.). **Do audiovisual às audiovisualidades**: convergência e dispersão nas mídias. Porto Alegre: Asterisco, 2009.

VASCONCELLOS, Celso. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e Projeto Educativo**. São Paulo. Libertad, 1995.

WOHLGEMUTH, Júlio. **Vídeo Educativo**: Uma pedagogia audiovisual. Brasília: SENAC, 2005.

## **APÊNDICE A**

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA**

- **Nome completo da pessoa entrevistada**
- **Idade da pessoa entrevistada**
- **Estimular a pessoa a relatar sua história de vida**
- **Questionar sobre as histórias de antigamente que a pessoa conhece**
- **Perguntar sobre como foi a sua trajetória na escola.**
- **Deixar uma mensagem para as crianças.**

## **APÊNDICE B**

### **PROBLEMATIZANDO AS HISTÓRIAS DE VIDA**

- **Nome e idade da pessoa entrevistada**
- **O que lhe chamou mais atenção na história de vida deste entrevistado e você gostaria de pesquisar sobre este assunto?**
- **O que você retiraria da fala da pessoa entrevistada e que poderia ser relacionado com os conteúdos aprendidos em sala de aula?**
- **Como era a vida das pessoas entrevistadas? Comparando com a atualidade o que você observa de diferenças?**
- **O que você aprendeu com esta entrevista?**
- **Qual o tipo de enquadramento que predominou na filmagem deste vídeo?**

## ANEXO A

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação  
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu***

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O(A) pesquisador(a) Ana Paula Pinheiro, aluno(a) regular do curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-Graduação Lato Sensu promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação do(a) Professor(a) Fernando Favaretto realizará a investigação **A CONTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA O RESGATE DA CULTURA LOCAL: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA EM FONTOURA XAVIER**, junto aos alunos da turma do 5º ano do turno da manhã do Instituto Estadual Ernesto Ferreira Maia no período de 20/08/12 até o mês de novembro deste ano. O objetivo desta pesquisa é utilizar o software vídeo para resgatar contos, histórias, que são contados pelos familiares dos alunos e das pessoas mais idosas do município, que não apresentam registro. Fazendo uso das mesmas como subsídio pedagógico em sala de aula e no contexto educativo.

Os (As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização destas filmagens que serão compiladas em um vídeo e registros escritos.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (54) 91127510 ou por e-mail - [anpinpol@yahoo.com.br](mailto:anpinpol@yahoo.com.br)

.....  
Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU \_\_\_\_\_, inscrito sob o no. de R.G. \_\_\_\_\_,

Concordo em participar esta pesquisa.

Assinatura do(a) participante \_\_\_\_\_

Assinatura do(a) pesquisador(a) \_\_\_\_\_

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012